



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM E PARA OS
DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL**

**A EDUCAÇÃO SOCIAL COMO UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO E
O EMPODERAMENTO DE IDOSOS NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA
DO RIACHO FUNDO I**

CLARA ALENCAR CASTRO

BRASÍLIA

2015



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu***

CLARA ALENCAR CASTRO

**A EDUCAÇÃO SOCIAL COMO UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO E
O EMPODERAMENTO DE IDOSOS NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA
DO RIACHO FUNDO I**

Projeto de pesquisa-intervenção apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos, no Contexto da Diversidade Cultural à Comissão Examinadora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Eloísa Pereira Barroso - UnB.

Professora Orientadora: Dra. Eloísa Pereira Barroso

BRASÍLIA

2015

Clara Alencar Castro

EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL: A EDUCAÇÃO SOCIAL COMO UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO E O EMPODERAMENTO DE IDOSOS NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO RIACHO FUNDO I. – Brasília, 2015.

f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2015.

Orientador/a: Dra. Eloisa Pereira Barroso.

[Direitos Humanos; idosos; Centro de Convivência; Educação Social]



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Clara Alencar Castro, intitulada **EDUCAÇÃO EM E PARA OS DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE CULTURAL: A EDUCAÇÃO SOCIAL COMO UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO E O EMPODERAMENTO DE IDOSOS NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO RIACHO FUNDO I**, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Presidente: Professora Dra. Eloísa Pereira Barroso

Universidade de Brasília/UnB

Examinador: Professor Ms. Clerismar Aparecido Longo

Universidade de Brasília/UnB

Brasília, novembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores sociais que, apesar das adversidades enfrentadas diariamente, continuam acreditando no poder de transformação das pessoas e trabalhando pela garantia dos direitos humanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir mais esta conquista e por estar sempre presente em minha vida, me dando esperança e fé.

Ao Marcus, meu marido, que sempre me incentivou e me deu amor. Que me deu forças para fazer este trabalho, me mostrando caminhos e possibilidades, como ele sempre faz.

À minha grande e querida amiga Juliana, que comemora as minhas vitórias com a mesma alegria e paixão que comemoraria as dela. E que sempre me incentiva a buscar novos desafios.

Aos idosos do COSE, pelo carinho com o qual me receberam e por não terem tido reservas ao se abrirem para mim e me mostrarem um pouco mais do mundo deles.

Aos educadores do COSE, que me incentivaram a escrever sobre o tema, me dando suporte e apoio. Em especial a duas amigas, Valéria e Márcia, com quem eu sempre pude contar, para tirar dúvidas e pedir favores.

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.

Paulo Freire

SUMÁRIO

RESUMO	9
LISTA DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - OS EQUIPAMENTOS DA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA.....	14
CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO SOCIAL E O SEU PODER TRANSFORMADOR	17
CAPÍTULO III - A PERCEPÇÃO DO TRABALHO REALIZADO PELO COSE.....	21
3.1 Das idosas entrevistadas.....	21
3.2 Dos Educadores Sociais entrevistados	27
CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE.....	35
ANEXO.....	37

RESUMO

Com o avanço da idade, alguns idosos se encontram em situação de vulnerabilidade social, que se agrava quando há situação de isolamento. Esta realidade pode ser ocasionada, por exemplo, pela exclusão destes dos meios de produção, redução da renda e dependência de cuidados que os torna mais frágeis. Assim, esta monografia, baseando-se em Pesquisa de Campo, com foco nos aspectos qualitativos, tem como objetivo verificar se o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos ofertado pelo Estado, mais especificamente pelo Centro de Convivência do Riacho Fundo I, região administrativa do Distrito Federal, é capaz de contribuir para o empoderamento dos idosos atendidos na Unidade, preocupando-se com a garantia de seus direitos humanos e usando como ferramenta de trabalho a Educação Social. Os sujeitos da pesquisa, realizada por meio de entrevista semiestruturada, são os próprios idosos atendidos e seus educadores sociais. A partir dos dados obtidos, foi possível concluir que o Centro de Convivência contribui para a melhoria de vida de seus usuários, ajudando-os no processo de empoderamento.

Palavras-chave: Empoderamento; idosos; Centro de Convivência; Educação Social; Direitos Humanos, Diversidade Cultural.

LISTA DE SIGLAS

BPC – Benefício de Prestação Continuada;

CNAS – Conselho Nacional de Assistência Social;

COSE – Centro de Convivência;

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social;

DF – Distrito Federal;

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome;

PAIF – Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família;

PBF – Programa Bolsa Família;

RFI – Riacho Fundo 1;

SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo;

SEDHS – Secretária de Estado de Desenvolvimento Humano e Social;

SUAS – Sistema Único de Assistência Social.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta reflexões sobre em que medida o foco na Pedagogia Social como metodologia de trabalho aplicada a um público de idosos pode contribuir para a vida deles em sociedade, rompendo com o isolamento e a exclusão, além de promover o empoderamento e ampliar o exercício da cidadania.

A motivação pela escolha do tema se deu pela percepção da importância que o serviço promovido pelo Centro de Convivência (COSE) do Riacho Fundo I (RFI) tem em relação à inclusão social dos idosos que participam das suas atividades, os quais pertencem a famílias acompanhadas pela pesquisadora no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), também do Riacho Fundo I, que oferece atendimento às famílias em situação de vulnerabilidade, exclusão social e pobreza.

A pesquisadora é servidora efetiva da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano e Social do Distrito Federal (SEDHS), atuando como Especialista em Assistência Social, na especialidade Assistente Social, e estando lotada no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do Riacho Fundo I/DF.

Devido aos atendimentos realizados com idosos, percebeu-se que, em sua maioria, a situação de vulnerabilidade apresentada também estava relacionada com a forma como eles interagem com a sociedade e com seus familiares. “As vulnerabilidades relacionais podem ser de diversas naturezas. São descritas como vulnerabilidades por reduzem capacidades humanas e colocarem os sujeitos na condição de demandantes de proteção social.” (MDS, 2013, p.16).

Diante da situação apresentada, buscou-se conhecer melhor os serviços oferecidos para idosos pela rede socioassistencial do território em questão. Conhecer a forma como o serviço é ofertado foi primordial para fazer um trabalho em parceria, visando à ampliação do exercício da cidadania. Desse modo, a pesquisadora teve o primeiro contato com os conceitos da Pedagogia Social.

Para entender melhor como estão localizados os equipamentos citados (CRAS e COSE) é preciso saber o que diz a Resolução 109 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS/MDS,2009), em que a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais organiza os níveis de complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS): Proteção Social Básica e Proteção Social Especial de Média e Alta Complexidade.

O COSE e o CRAS estão localizados na Proteção Social Básica, que oferecem: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e Serviço de Fortalecimento de

Vínculos (SCFV). Este tem o objetivo de “fortalecer vínculos e prevenir ocorrência de situações de exclusão social e de risco, em especial a violência doméstica e o trabalho infantil, sendo um serviço complementar e diretamente articulado ao PAIF”. (MDS, 2013, p.10)

Sendo assim, constituiu-se em problema principal a busca de informações e dados que pudessem responder à seguinte indagação: O COSE, por meio da Educação Social, contribui para a inclusão e o empoderamento dos idosos?

Na tentativa de responder esta questão, o presente estudo teve por objetivo identificar em que proporção o trabalho de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, realizado pelo COSE do Riacho Fundo I, contribui para a inclusão de idosos em situação de vulnerabilidades sociais, isolamento e violação de direitos.

Para tanto, utilizou-se como metodologia a pesquisa social, com delineamento de pesquisa interventiva de campo, com foco nos aspectos qualitativos. Houve levantamento bibliográfico, tendo em vista que foram utilizadas fontes secundárias de pesquisa, como artigos, livros e resoluções. Finalmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a obtenção dos dados que interessavam à investigação. Essas entrevistas foram realizadas com os educadores do COSE e com os idosos participantes do serviço de convivência. Além disso, a entrevista buscou, por meio da provocação, fazer com que o entrevistado refletisse sobre a sua realidade social.

Dentro do trabalho realizado pelo COSE, baseado na educação não formal, existe uma medida de igualdade entre os saberes, portanto, a participação do usuário é tão legítima quanto a do profissional que o acompanha. (MDS, 2013)

Assim, a intervenção se dá de forma passiva, porém, individual, provocando o direito de participação dos profissionais e dos idosos.

[...] Aí está também o lado mais importante dos direitos, quando visto pelo prisma dos “sujeitos falantes” que se apresentam na cena pública. Essa presença desestabiliza consensos estabelecidos e permite alargar o “mundo comum”, fazendo circular na cena pública outras referências, outros valores, que antes ficavam ocultados ou então eram considerados irrelevantes e desimportantes para a vida em sociedade. (TELLES, 2003, p.69)

Diante do exposto, estruturou-se o estudo em três capítulos.

O primeiro capítulo destina-se à apresentação dos equipamentos (CRAS e COSE), bem como apresenta uma análise da Resolução 109 do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS/MDS,2009). Neste momento, procura-se discutir questões referentes aos Serviços de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

No segundo capítulo, contextualiza-se a situação problema com base nas discussões sobre as concepções da convivência e do fortalecimento de vínculos a partir da revisão da literatura. Procura-se descrever as ações interventivas a partir das concepções abordadas sob a perspectiva dos direitos humanos e das categorias levantadas, tais como: vínculos, convivência familiar e comunitária, vulnerabilidade social, direitos sociais, Educação Social, empoderamento e exercício da cidadania.

O terceiro capítulo diz respeito à análise dos dados obtidos a partir das entrevistas e das ações interventivas à luz das categorias levantadas.

Por fim, a pesquisa procura estabelecer-se como uma reflexão por meio da qual se observa a situação de vulnerabilidade em que alguns idosos estão inseridos, além de revelar como o trabalho de fortalecimento de vínculos e convivência pode diminuir as fragilidades expostas, com o desenvolvimento das capacidades e potencialidades do público atendido.

A partir dos dados obtidos, é possível pensar em estratégias que permitam a promoção da garantia de direitos e de alternativas emancipatórias para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais vividas por esse grupo.

CAPÍTULO I - OS EQUIPAMENTOS DA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA

Na perspectiva da garantia de direitos, o CRAS é a unidade de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), localizado nas áreas de maior vulnerabilidade e risco social dos municípios e do DF, “por isso é uma unidade que possibilita o acesso de um grande número de famílias à rede de proteção social de assistência social”. (MDS, 2009, p. 9).

O CRAS tem por objetivo prevenir essas vulnerabilidades e riscos e ampliar o acesso aos direitos de cidadania, por meio do Serviço de Proteção Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

O serviço de proteção às famílias, conhecido como PAIF, estrutura-se no reconhecimento de que a família tem que ser o espaço de proteção e desenvolvimento das pessoas, assim, tem como objetivo o fortalecimento da convivência familiar e comunitária. Esse serviço é exclusivo da proteção social básica, que visa prevenir as violações de direito e garantir proteção às famílias e seus membros mais vulneráveis.

“O PAIF (...) confere a primazia da ação do poder público na garantia do direito à convivência familiar e assegura a matricialidade¹ no atendimento socioassistencial, um dos eixos estruturantes do SUAS.” (MDS, 2009, p31).

Já o SCFV é voltado para ampliar as trocas culturais e de vivência, fortalecer vínculos familiares e incentivar a convivência comunitária e a socialização. Com um trabalho de prevenção e proatividade, que é baseado na defesa dos direitos e na sua afirmação, também busca o desenvolvimento de capacidades e potencialidades. Isso, para que os usuários consigam alcançar alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social. (CNAS/MDS, 2009).

O público atendido pelo SCFV é categorizado por idades, que podem ser de até seis anos, de seis a quinze anos, de quinze a dezessete anos, intergeracional (a partir dos vinte e nove anos) e idoso (acima de 60 anos). Cada uma destas categorias possui finalidades de atendimentos diferenciados.

No caso do serviço ofertado para idosos, conforme o CNAS (CNAS/MDS, 2009), o foco do atendimento é voltado para o envelhecimento saudável, fortalecimento de vínculos, prevenção de riscos sociais e o desenvolvimento da autonomia. Para isso, valoriza a vivência

¹ Matricialidade Sociofamiliar se refere à centralidade da família como núcleo social fundamental para a efetividade de todas as ações e serviços da política de assistência social. (MDS, 2009, p12).

em grupo, as oficinas culturais e as experiências vividas, além de estimular a condição de escolher e decidir.

O Sistema Único de Assistência Social atribui o SCFV ao CRAS, mas no Distrito Federal (DF) existe um equipamento que trabalha em parceria com o CRAS para executar exclusivamente esse serviço, o COSE. Assim, o CRAS não é responsável pela execução, mas ainda tem como atribuição selecionar os usuários para participar do serviço e acompanhar suas famílias.

O COSE do Riacho Fundo I está instalado no mesmo terreno do CRAS dessa região administrativa e conta com quatro educadores sociais e um Chefe de Serviço, todos com nível superior e alguns com pós-graduação. Os educadores são das áreas de meio ambiente, artes, esporte e lazer. As atividades com os idosos ocorrem duas vezes por semana, no período da manhã, mas muitos idosos também participam do grupo intergeracional.

O COSE atua com a oferta de atividades de convivência para a sociedade e em especial para população idosa, que normalmente apresenta maior fragilidade, limitações físicas e, em muitos casos, são depreciadas em seu meio de convivência. Segundo Sposati apud MDS (2013), quando a precariedade do lugar e a situação vivida afetar pessoas e suas famílias produzindo sofrimento e aumentando a desigualdade, a situação deve ser enfrentada com responsabilidade por meio de ações políticas públicas e coletivas. Porque estar protegido significa ter forças próprias ou de terceiros.

Nesse enfrentamento por meio de ações públicas é que o COSE está situado, oferecendo serviços continuados, capazes de desenvolver potencialidades e assegurar aquisições, além de fortalecer vínculos familiares e vínculos sociais mais amplos. Busca-se, portanto, minimizar os agravos gerados por condições precárias de vida, pela privação de renda ou de acesso aos serviços públicos. (MDS, 2013)

Na parceria entre CRAS e COSE, foi criado um instrumental para avaliar o perfil dos idosos que desejam participar do serviço. A prioridade é dada para idosos que recebem o Benefício de Prestação Continuada² (BPC), que estão inseridos em programas de transferência de renda e que tenham vivência de isolamento.

Para se inscrever basta que o idoso compareça ao CRAS e solicite a participação no serviço, momento em que o instrumental é preenchido. Posteriormente, quando surge alguma vaga, o candidato é selecionado, dando prioridade para os critérios apresentados acima, e é

² O BPC é um benefício da Política de Assistência Social que garante a transferência mensal de 1 salário mínimo ao idoso, com 65 anos ou mais, e à pessoa com deficiência, que comprovem não possuir meios para prover a própria manutenção nem de tê-la provida por sua família. (MDS, 2012)

atendido por um especialista do CRAS junto com um educador do COSE, para explicar o objetivo do serviço, identificar a situação de vulnerabilidade e, se for necessário, colocar o idoso e a família em acompanhamento³.

Cabe ressaltar que a entrada no serviço pode se dar também de outra maneira, quando a família já é acompanhada pelo CRAS, e o especialista identifica como estratégia de ação o serviço do COSE.

Acredita-se que o êxito no objetivo do serviço é alcançado em grande parte pelo campo da educação utilizado para prestar o serviço, que é a Educação Social no âmbito da educação não formal. Segundo Gohn (2010, p 26), a Educação Social é caracterizada como “sinônimo de práticas educativas desenvolvidas junto a comunidades compostas por população em situação de vulnerabilidade social ou algum tipo de exclusão social”.

Entendendo que o público idoso é mais vulnerável pela sua própria condição, percebe-se a importância do poder público em promover serviços que os capacitem para essa nova realidade de vida em sociedade. Se, por um lado, exclusão dos meios de produção, redução da renda e dependência de cuidados os torna mais frágeis, por outro lado, a atuação do Estado por meio de programas sociais torna possível o fortalecimento de vínculos e cria alternativas para a mudança dessa realidade.

Diante de tal situação, serão abordadas no próximo capítulo considerações sobre a Educação Social e sobre como o COSE utiliza esta abordagem na oferta dos seus serviços.

³ O Acompanhamento Familiar é o conjunto de intervenções desenvolvidas em serviços continuados, com objetivos estabelecidos, que possibilitam à família um espaço onde possa refletir sobre sua realidade, construir novos projetos de vida e transformar suas relações – sejam elas familiares ou comunitárias. (Protocolo de Gestão Integrada de Serviços, Benefícios e Transferência de Renda no Âmbito do Sistema Único de Assistência Social apud MDS, 2012).

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO SOCIAL E O SEU PODER TRANSFORMADOR

A partir da estrutura da pedagogia e do processo de educação, Caro (2011, p. 135), a respeito da Educação Social, relata:

O que ocorre na educação não formal normalmente vem embasado no que se chama Educação Social, que por referência é conteúdo e objeto da Pedagogia Social. Entende-se aqui a Educação Social como o processo das relações proporcionadas na estrutura da educação não formal. É justamente esse ambiente de relações educativas que a diferencia da atual estrutura da educação formal.

A Educação Social desenvolve seu trabalho por meio da educação não formal e objetiva dar respostas aos problemas e necessidades sociais dos educandos. Essa forma de educação torna-se mais atrativa para um público como o do COSE, primeiro, por não buscar substituir a educação formal ofertada na escola, mesmo porque parte de seus usuários não frequenta a escola. Em segundo lugar, por ajudar na construção da identidade coletiva do grupo, fortalecendo o grupo e seus agentes.

A educação não formal não é herdada, é adquirida. Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados *a priori*, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar é construído como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades dos que participam. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social fortalece o exercício da cidadania. (Gohn, 2010, p. 19)

Assim, entende-se que a educação não formal envolve o crescimento pessoal, visando contribuir para a educação integral do indivíduo, para sua inserção na sociedade, por meio da consciência da cidadania. É uma educação voltada para o interesse do educando e se adapta ao seu ambiente. Ela respeita a cultura que cada indivíduo traz consigo, já que a cultura faz parte do ser humano e esses valores são indispensáveis em sua formação. (Caro, 2011)

Essa forma de educação, segundo o mesmo autor, possibilita o resgate da dignidade, por meio do seu caráter transformador, o que permite que os educandos tomem consciência de seu valor e da importância da cidadania ao atuarem em suas realidades, buscando uma melhora para toda a sua família, não só no indivíduo. Ela resgata a autoestima dando condições para que se desenvolvam sentimentos de autovalorização. Mas, para que a mudança no educando ocorra de verdade, é preciso que essa mudança também alcance o seu meio, a comunidade da qual faz parte.

Segundo Gohn (2010), as inúmeras abordagens da Pedagogia Social podem ser divididas em dois grandes campos: um que trata da socialização dos indivíduos, principalmente os que estão em situação de vulnerabilidade social e que necessitam da aprendizagem de novos valores, trabalhando no plano da cultura. Já o outro campo relaciona-se com o mundo do trabalho, focado na geração de emprego e renda.

Quando o empoderamento é colocado como um desafio para o trabalho da Educação Social, ele não é pensado nos moldes da estrutura de produção capitalista, onde o indivíduo tem que produzir para entrar no mercado informal e gerar renda. A proposta é mais ideológica e voltada para a construção da cidadania, baseada na solidariedade e identificação de interesses comuns, fortalecendo o indivíduo e o grupo, dando-lhes poder sobre suas ações e o esclarecimento da realidade social em que estão inseridos.

Sendo assim, a abordagem educacional do Centro de Convivência deve estar pautada na perspectiva da formação de cidadãos livres e entendedores de seus direitos e deveres para com os outros. No caso específico do COSE do Riacho Fundo I, alguns eixos temáticos têm sido trabalhados com os idosos atendidos e que os levam a essa perspectiva apontada, tais como: futuro, bem estar (saúde), protagonismo, pertencimento, família, amizade, cooperação, diversidade e cidadania.⁴ Esses temas foram definidos a partir de problematização da vida cotidiana dessas pessoas, uma sistematização dos modos de agir e pensar do mundo que as circundam. Atendendo ao que é esperado da educação não formal:

Um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos, para a cidadania. Esta formação envolve aprendizagens tanto de ordem subjetiva – relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas – como aprendizagem de habilidades corporais, manuais etc. que os capacita para o desenvolvimento de uma atividade de criação, resultando um produto como fruto do trabalho realizado. Estes saberes não podem ser valores impostos de cima para baixo, desconsiderando a autonomia de cidadãos. (Gohn, 2010, p. 40)

De acordo com essa perspectiva, de não imposição de saberes, surge o papel dos educadores sociais, que são importantes para dinamizarem e construir o processo participativo com qualidade. Eles aprendem e ensinam, e o diálogo é o principal meio de comunicação, para que todos possam ouvir e serem ouvidos. Os educadores também precisam de sensibilidade para entender e captar a cultura local, até para escolherem os temas norteadores das atividades, que não devem ser pré-impostos ou aleatórios, devem ser estudados de acordo com a realidade de cada localidade.

⁴ O Plano de Atividades completo está nos anexos.

Com seu trabalho, os educadores sociais ajudam a construir espaços de cidadania no território, uma alternativa aos meios tradicionais de comunicação, onde o indivíduo possa participar ativamente do debate e da construção dos temas. Eles produzem os saberes a partir da tradução de culturas locais.

As atividades realizadas devem ter como objetivo a construção de cenários futuros. “O futuro como possibilidade é uma forma que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças.” (Gohn, 2010, p.54) Muitos participantes do Centro de Convivência e de outras entidades que promovem a Educação Social são excluídos, estão à margem da sociedade e sem perspectiva de futuro ou de melhora da sua condição social. Segundo Craidy *apud* Ribeiro (2011, p. 149), o educador social surgiu como uma possibilidade para mudar esse quadro:

[...] os chamados excluídos exijam um investimento humano suplementar para que exerçam seus direitos de membros da sociedade e tenham a possibilidade de um adequado desenvolvimento pessoal. Esse investimento suplementar é que criou a figura do educador social que veio substituir as figuras repressivas e/ou assistenciais que o precederam. A figura do educador social é, assim, inseparável do avanço da consciência de direito.

Diante do exposto, é possível perceber a grande importância que as atividades do Centro de Convivência do Riacho Fundo I têm na transformação de seu território e na vida de seus usuários, especificando aqui o público idoso, que necessita de atividades de convivência para saírem do seu círculo de exclusão e isolamento.

Mesmo que o Estatuto do Idoso (2003) lhes garanta direitos como atividade, cultura e lazer, entidades de atendimento, proteção contra violência e abandono, é preciso buscá-los e lutar para que sejam concretizados. A Educação Social é uma ferramenta para capacitar os idosos a fazerem uma leitura da realidade em que vivem e para fortalecê-los a buscar mudanças no que for necessário. Por isso o COSE é tão importante para contribuir com a garantia dos Direitos Humanos.

A partir disto, este estudo propõe projeto de intervenção em que, por meio de pesquisa semiestruturada, busca-se analisar a capacidade do COSE de alterar a percepção de vida dos idosos que participam de seus programas. As entrevistas foram aplicadas a educadores e educandos durante uma atividade proposta pelo COSE – atividade externa para a Feira de Ciência e Tecnologia – Luz, Ciência e Vida.

O formato de intervenção mediante entrevista semiestruturada tem como objetivo garantir o direito dos atores de se expressarem, de maneira que, ao serem conduzidos por

perguntas previamente definidas, os entrevistados, educadores e educandos, têm a oportunidade de refletir a respeito da relevância do Centro de Convivência.

Ao final das entrevistas, foi proposta uma roda de conversas para que se avaliassem juntos os resultados da intervenção.

CAPÍTULO III - A PERCEPÇÃO DO TRABALHO REALIZADO PELO COSE

Neste capítulo, serão analisados os dados coletados na pesquisa de campo, discutindo-os com base no referencial teórico que fundamentou este estudo.

A entrevista utilizada na pesquisa é caracterizada como semiestruturada, o que significa que foi seguido um roteiro planejado, com perguntas comuns a todos os atores e outras específicas a cada um deles, permitindo-se que os entrevistados respondessem livremente.

3.1 Das idosas entrevistadas

Os primeiros a serem entrevistados foram os idosos, que participavam da atividade externa e se disponibilizaram a colaborar com a pesquisa. As análises das respostas obtidas foram feitas individualmente, respeitando a integralidade das respostas, para que cada ator fosse entendido por completo, concordando com o objetivo da intervenção.

No Centro de Convivência, o público total é de setenta idosos (apenas um é do sexo masculino) e alguns são infrequentes ou não conseguem participar das atividades duas vezes por semana. Entre os motivos das ausências, destacam-se: dificuldade de locomoção, participação em outras atividades e obrigações a cumprir com seus familiares. Por outro lado, há idosos que participam de mais de um grupo no COSE, como, por exemplo, o grupo intergeracional, frequentando atividades todos os dias.

Entre os setenta idosos participantes, trinta e três fazem parte do público prioritário, sendo que trinta encontram-se em situação de isolamento. Ou seja, a maior vulnerabilidade apresentada é a sensação de solidão, mesmo que alguns residam com seus familiares. Esses idosos não se sentem pertencentes às suas famílias, talvez por terem perdido o papel de provedor, ou, mesmo que sua renda seja usada para manter a casa, não se sentem mais chefes da família, ou simplesmente residem sozinhos e têm pouco contato com os familiares.

Durante a atividade externa, que foi realizada na Feira de Ciência e Tecnologia, participaram vinte e cinco idosas, dessas, onze concederam entrevista, e seis delas fazem parte do público prioritário por estarem em situação de isolamento e algumas sofrerem associadamente de Depressão e/ou Síndrome do Pânico.

Abaixo, segue a nomenclatura que será utilizada nesta pesquisa para cada idosa entrevistada:

- a) Primeira idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada A (EA);

- b) Segunda idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada B (EB);
- c) Terceira idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada C (EC);
- d) Quarta idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada D (ED);
- e) Quinta idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada E (EE);
- f) Sexta idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada F (EF) ⁵;
- g) Sétima idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada G (EG) ⁶;
- h) Oitava idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada H (EH) ⁷;
- i) Nona idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada I (EI) ⁸;
- j) Décima idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada J (EJ) ⁹;
- k) Décima primeira idosa entrevistada. Será chamada de Entrevistada K (EK) ¹⁰.

As idosas entrevistadas são todas do sexo feminino, com idades entre 61 e 81 anos.¹¹ A maioria relatou residir com pelo menos um familiar, apenas uma (EG) reside sozinha. A renda é prioritariamente baixa, sendo que algumas dependem do Programa Bolsa Família (PBF) como única renda ou para complementá-la. As que possuem renda própria são aposentadas/pensionistas e contribuem ou são provedoras de suas casas, que são os casos das: EC, ED, EE, EH, EJ, EK.

No caso da Sra. EG, de 69 anos, além de residir sozinha, praticamente não possui renda, sobrevive de trabalhos eventuais, vendendo peças íntimas, e do PBF. Sua condição de isolamento é agravada pela situação de falta de renda e meios adequados de prover seu sustento. Declarou que procurou o COSE porque estava em depressão por se sentir só. Já participa das atividades há quatro anos e sente que o trabalho do COSE lhe ajudou muito a vencer a depressão, pois não se sente mais tão isolada, por ter apoio das outras usuárias que formam sua comunidade e porque gosta de aprender coisas novas, o que é proporcionado pelas atividades. Relatou também que sente que sua participação é importante para o grupo e que os educadores a incentivam a participar. Quando perguntada sobre o que o COSE representa para ela, respondeu: “é minha vida, minha casa”.

Com relação à renda, outra participante que podemos destacar é a Sra. EH, de 77 anos, que tem o ensino médio completo e reside com uma neta, que trabalha o dia todo e lhe dedica

⁵ Classificada pelos especialistas e educadores (CRAS e COSE) como pessoa em situação de isolamento.

⁶ Classificada pelos especialistas e educadores (CRAS e COSE) como pessoa em situação de isolamento.

⁷ Classificada pelos especialistas e educadores (CRAS e COSE) como pessoa em situação de isolamento.

⁸ Classificada pelos especialistas e educadores (CRAS e COSE) como pessoa em situação de isolamento.

⁹ Classificada pelos especialistas e educadores (CRAS e COSE) como pessoa em situação de isolamento.

¹⁰ Classificada pelos especialistas e educadores (CRAS e COSE) como pessoa em situação de isolamento.

¹¹ A idade mínima para participar do grupo de idosos é de 60 anos.

pouca atenção. Sua renda é de aproximadamente cinco mil reais, de aposentadoria. De acordo com essa renda, a senhora não é público alvo dos benefícios do CRAS, mas é da assistência social, por estar em situação de vulnerabilidade social, causada pela sensação de isolamento. Por esse motivo, a Sra. EH faz parte do público prioritário do COSE. Ela procurou a unidade há cinco anos, quando seu cônjuge faleceu. Relatou que, depois de tal acontecimento, sentiu-se muito sozinha e teve depressão, por conseguir apoio dos filhos apenas aos finais de semana, passava a semana toda muito isolada. Quando questionada se o trabalho do COSE fez alguma diferença na sua vida, respondeu que a ajudou muito, porque não se sente mais isolada. Ela participa de dois grupos, assim tem atividade durante toda a semana. Em relação ao método de trabalho e aos educadores, descreveu: “Eles entendem a situação, que a gente já tá na terceira idade, né!”. Quanto ao que o COSE representa para ela, acrescentou: “é tudo, porque a gente mora longe dos filhos. Os filhos têm casa, têm marido, têm família, não podem se dedicar”.

Em relação ao isolamento, que é a maior demanda apresentada, foi possível perceber que mesmo as idosas que não estão nessa condição procuraram o grupo porque precisavam de atividades para ocupar seu tempo e precisavam de relacionamento com a comunidade, pois ficavam sozinhas em casa por um longo período e isso lhes causava desconforto. Algumas até relataram terem sofrido de depressão.

A Sra. EB, de 79 anos, por exemplo, não está em situação de isolamento, relatou residir com o marido e duas filhas, além de receber visitas constantes de netos e bisnetos, que segundo ela, são sua vida. Quando questionada sobre o motivo que a fez procurar o COSE, informou que só a convivência com a família era pouco, ela precisava também da comunidade e foi isso que encontrou no grupo. Diante das perguntas sobre o trabalho do COSE, dos educadores e a contribuição desses para sua vida, declarou: “estou até hoje, só Deus que me tira. Se não fosse essa reunião tava com depressão”. Ela já participa das atividades há quatro anos.

Outra usuária em situação parecida é a Sra. ED, com 81 anos de idade e há três anos no COSE. Reside com cinco filhos solteiros, é aposentada, nunca estudou e ajuda nas despesas da casa pagando algumas contas. Ela não está em situação de isolamento, mas procurou as atividades, porque sentia necessidade de ocupar melhor seu tempo, já que com a idade acabou ficando sem muitas tarefas, além de relatar que se diverte indo para o COSE, e isso lhe fazia falta. Quando questionada sobre o trabalho dos educadores e se eles a escutam, relatou com satisfação: “eu levanto e falo, eles aceitam e acha bom”.

Mais um caso semelhante é o da Sra. EC, que também tem 81 anos e dois anos de COSE. Reside com dez pessoas, entre eles, filhos e netos. A renda da família é proveniente do trabalho de três adultos, mas ela não sabe o valor, e de sua aposentadoria. Ela também ajuda nas despesas da casa e tem o ensino fundamental incompleto. Relatou que procurou as atividades do COSE para lazer e para aprender coisas novas, “pra pessoa de idade é muito bom, porque conhece muita coisa, anda muito, conversa muito, né! E a pessoa ficar só em casa toda vida, não tem mais o que fazer, fica só em casa pensando besteira, e assim a gente abre a cabeça”. Ela informou que se sente muito satisfeita com o trabalho da Unidade, principalmente porque teve a oportunidade de conhecer melhor a cidade, pois visitou lugares que nem sabia que existiam.

Novamente, com uma demanda similar, a Sra. EE, que tem 70 anos e participa do COSE há quatro, procurou as atividades porque ficava em casa muito tempo sozinha, mesmo residindo com o filho, a nora e dois netos. Segundo ela, a relação com os familiares é boa, eles dividem as despesas e ela recebe uma aposentadoria. Relatou que gosta muito de participar do grupo e tenta não faltar, também gosta do trabalho que os educadores realizam e os acha capacitados. Quando questionada sobre a contribuição que o COSE lhe trouxe, respondeu: “Depois que eu comecei a participar a gente se sente outra pessoa, mais feliz.”

Em relação à escolaridade das participantes, foi possível perceber que a grande maioria tem apenas o ensino fundamental incompleto, algumas não frequentaram a escola e uma possui o ensino médio completo.

No que se refere ao tempo de participação nas atividades, apenas uma tem menos de dois anos, todas as outras participam há mais tempo. Assim, há evidências de que existe satisfação com o serviço ofertado e que a rotatividade de participantes é pequena.

A usuária que participa há menos tempo é a Sra. EA, que tem 61 anos, possui o Ensino Fundamental incompleto, não está em situação de isolamento e reside com o marido e com um filho adulto. A renda da família é proveniente do trabalho do esposo, que ganha aproximadamente dois salários mínimos. A Sra. EA está inserida nas atividades há oito meses. Quando questionada sobre os motivos que a levou a procurar o COSE, informou que necessitava fazer mais amigos e participar de alguma atividade. Segundo ela: “Comecei a participar, comecei a gostar e estou até hoje, e vou continuar”. Quanto ao método que o COSE utiliza para realizar suas atividades, respondeu: “Gosto muito, porque a gente interage uns com os outros e faz até amizade”. Em relação aos educadores ela descreveu:

São ótimos, muito alegres, passam essa alegria pra gente, por isso que eu *tô* até hoje lá, porque eles passam essa alegria... pra gente continuar a viver, igual eu, na nossa idade os filhos já *tão* tudo criados, já não têm tempo mais pra dar atenção pra gente, e a gente participando desse grupo arruma mais amizades, ocupa mais o tempo da gente. (EA, Pesquisa de Campo)

Quando questionada se há algo que pode ser melhorado na Unidade, respondeu:

Assim, eu não conheço a fundo o que que pode fazer, mas agora eu quero resolver assim, minha aposentadoria porque eu não paguei o INSS. Então aí eu quero saber meus direitos, porque eu não paguei. Depois vou até conversar com o Clayton (Chefe do Serviço) para saber o que ele resolve.

Como foi destacado anteriormente, mesmo os idosos que não se sentem isolados necessitam de convivência e de atividades que sejam voltadas para suas demandas e particularidades. Eles desejam ser ouvidos e interagir.

Entre as entrevistadas, foram identificados casos de superação, que surgiram principalmente a partir do questionamento do motivo que as levaram a procurar o COSE.

Como exemplo, há o caso da Sra. EI, de 64 anos, que reside com o esposo, quatro filhos adultos e um neto. A renda total da casa chega perto de dois mil reais e a usuária recebe o PBF. Ela nunca estudou e foi classificada como em situação de isolamento. Participa há dois anos do COSE, procurou as atividades depois de ter entrado em depressão profunda e ter sido diagnosticada com Síndrome do Pânico. Relatou que não conseguia sair de casa e nem se relacionar com as pessoas:

Eu *tava* com Depressão e Síndrome do Pânico, eu *tava* com medo de tudo, sem ver nada... eu ficava com medo de tudo, até da minha própria sombra. Foi muita luta pra *mim* sair de casa, eu não queria sair de casa pra nada, eu não comia, eu não bebia, eu não fazia nada, era só chorando o tempo todo. (EI, Pesquisa de Campo)

Quando indagada se o trabalho do COSE a ajudou de alguma forma e o que ela pensava dos educadores, respondeu:

Ai, minha filha, eu entrei numa depressão profunda, eu fui me curar lá no COSE, lá foi onde que eu vim sair do fundo do poço [...] Porque os meninos de lá são muito alegres e com a alegria deles aí eu fui me alegrando, fui me alegrando. Ainda não *tô* curada de vez não, aqui e acolá às vezes eu ainda choro, ainda fico com aquela coisa de medo, sabe? Mas em vista do que eu *tava*, *tô* bem agora. (EI, Pesquisa de Campo)

Em relação ao método de trabalho do COSE, ela relatou que se sente um pouco desconfortável quando as atividades são externas (“os passeios”), por não estar totalmente curada de seus problemas de saúde, e que prefere as atividades em formato de palestras. Por outro lado, costuma entender a proposta dos educadores e se sente bem para participar das

atividades. Segundo ela: “Quando a gente *tá* falando eles gostam muito de ficar prestando atenção, pra ver o que que a gente *tá* falando. Eu acho que eles ajudam muito, me ajudaram a ficar amiga das pessoas.”

Outra usuária em situação parecida é a Sra. EK, de 66 anos, que reside com um filho adulto, que se mudou para a casa dela recentemente. Está em situação de isolamento. Sua renda é de oitocentos reais e ajuda nas despesas da casa. Tem o Ensino Fundamental incompleto e participa do COSE há três anos. Procurou as atividades porque se sentia muito sozinha, tinha Depressão e Síndrome do Pânico. Relatou:

Foi bom pra *mim* interagir lá com o pessoal, porque eu sou muito sozinha e devido aos meus problemas... porque eu não gosto de sair de casa, minha filha me chama para passear, eu não gosto. Então ali eu me enturmo com as pessoas e participo dos passeios. (EK, Pesquisa de Campo)

A idosa informou que só tem facilidade para sair de casa se for para o COSE ou para as atividades externas que ele promove, mesmo assim, ela ainda se sente um pouco desconfortável, principalmente porque acha que as outras idosas são muito barulhentas e a deixam inquieta.

Um caso clássico de isolamento é o da Sra. EJ, 64 anos, que reside com o filho, a nora e duas netas. Tem renda de mil reais e ajuda no sustento da casa. Ela relatou que, mesmo residindo com a família, sente-se completamente sozinha dentro de casa, pois seu filho a ignora e não a reconhece como membro de sua família. Segundo ela: “Eu sou um zero à esquerda dentro de casa, não existo... isso me deixa muito angustiada, muito triste.” Informou que se sente muito bem por participar do COSE e que sua relação com as outras usuárias e com os educadores é muito boa e lhe dá prazer.

Eu estou participando do COSE há quatro anos e estou amando, é muito bom, *tá* me ajudando muito, pra eu não ficar sozinha, pra eu não ficar doente [...] os meninos lá tratam a gente como se a gente fosse da família deles, tratam até melhor que a própria família [...] só de eu sair todo dia, eu vou por prazer, eu vou porque eu gosto, só de saber que eu tenho que ir pra lá, que eu vou pra lá, me dá uma alegria muito grande. (EJ, Pesquisa de Campo)

A idosa participa de dois grupos do COSE, frequentando as atividades todos os dias. Reafirmou que é isso que a ajuda a não ter Depressão e que desde que começou com as atividades se sente bem.

Mais um caso de isolamento retratado é o da Sra. EF, que tem 80 anos, reside com a filha, que faz alguns trabalhos eventuais, mas não possui renda suficiente para garantir uma qualidade básica de vida. A idosa, que recebe o PBF e tenta complementar a renda, já

participa do COSE há quatro anos e procurou as atividades porque estava muito infeliz por se sentir sozinha. Relatou que o grupo a ajuda a se distrair e a reduzir sua solidão, que sua vida melhorou depois que começou com as atividades. “No COSE eu me sinto como se tivesse no Ceará, junto com meu povo”, disse. Quando indagada sobre o que o COSE significa para ela, respondeu: “É muito, é muito, é uma atividade legal, as crianças é legal, minhas amigas *tudo é* boa pessoa”.

Os resultados das entrevistas com as idosas confirmam a necessidade de políticas públicas que sejam elaboradas com o objetivo de fortalecer os vínculos desse público. Em aproximadamente setenta por cento das entrevistas, houve menção a questões relacionadas ao isolamento. No entanto, para que haja um verdadeiro empoderamento e para que seus direitos humanos sejam efetivados, o fortalecimento de vínculos não tem que ser voltado apenas para a comunidade, tem que interferir também nas relações familiares, pois muitas vezes os idosos são vítimas de exclusão e de maus tratos dentro da própria família.

Outro ponto observado foi em relação à fala de alguns usuários, que entendem o COSE como um representante do Estado, a forma mais próxima que eles conseguem chegar do Governo. E por isso, demandam dos educadores resoluções e informações de outras áreas e de outras políticas, que não a da política de assistência social. Para tanto, os educadores se sentem na obrigação de estarem bem informados e ajudá-los com a informação correta, ou encaminhando-os para o CRAS ou para outros órgãos que compõem a rede social. As principais dúvidas/queixas são relacionadas à Previdência Social, à Política de Saúde e ao Programa Bolsa Família.

3.2 Dos Educadores Sociais entrevistados

Posteriormente às entrevistas com as idosas, os educadores foram entrevistados. No dia da entrevista, estavam participando da atividade apenas dois educadores.

Neste segundo momento, a análise da entrevista será realizada pergunta por pergunta, para que se possa enfatizar a percepção de cada educador(a) com relação à questão apresentada, comparando as diferentes respostas de cada um.

Os educadores aqui entrevistados serão representados pelas seguintes nomenclaturas:

- a) Primeiro educador(a) entrevistado(a). Será chamado(a) de Participante A (PA);
- b) Segundo educador(a) entrevistado(a). Será chamado(a) de Participante B (PB).

Dos educadores que participaram da entrevista, um é do sexo masculino e outro, do sexo feminino. Eles têm por volta de 33 anos. Ambos são servidores da Carreira Pública de Assistência Social de Nível Superior, com graduação nas áreas de Educação Física e Artes

Plásticas, possuem pós-graduação *lato sensu* voltada para a área de atuação. Trabalham nessa mesma Unidade há pelo menos dois anos.

Quando perguntados se eles se sentiam capacitados para trabalhar como Educadores Sociais, responderam:

Hoje em dia sim, por ter vivido bastante experiência e trabalhado com boas pessoas que também estão focados no trabalho e se preocupando em exercer um bom trabalho social. (PA, Pesquisa de Campo)

Sim. Depois das novas definições da função do educador social. Pois teve uma reestruturação no papel. E também com a experiência que eu fui ganhando ao longo desses anos, com todas as mudanças que foram tendo. (PB, Pesquisa de Campo)

Com relação à indagação sobre o que os educadores mais gostam no trabalho que desenvolvem, relataram:

Eu acho que o resultado de uma atividade proposta, quando a gente planeja com um objetivo e a atividade dá super certo e a gente colhe os resultados. (PA, Pesquisa de Campo)

Eu gosto de ver a melhora pessoal em vários casos; você vê uma criança que tinha dificuldade de interação, mais solta, interagindo melhor, conseguindo conversar. Você vê o adolescente correndo atrás daquilo que ele pode buscar no estudo ou no trabalho. E o idoso também, saindo de uma condição de isolamento, de tristeza, sem interação com as outras pessoas e aqui fazendo amizades, e melhorando, e parando de tomar remédio e tendo ânimo para outras coisas que não tinha. A gente vê esse trabalho fluindo, nesse ponto, aos poucos. (PB, Pesquisa de Campo)

O próximo questionamento, que é sobre como eles definiriam o seu público alvo, teve o objetivo de conhecer o ponto de vista dos educadores sobre o público com que trabalham.

As respostas foram as seguintes:

Um público diferenciado em várias questões de vulnerabilidade, mas principalmente a exclusão, tanto das crianças, quanto dos idosos. (PA, Pesquisa de Campo).

Ele é o público, primeiro, financeiramente carente, que junto com o financeiro já começam a vir outros problemas. E o público vulnerável em outros sentidos, pessoas que sofreram abusos ou algum tipo de violência, situação de isolamento, esse tipo de situação. (PB, Pesquisa de Campo).

Agora, fazendo um questionamento mais focado no objeto do presente trabalho, os educadores entrevistados discorreram sobre a participação dos idosos nas atividades:

São bastante participativos e algumas pessoas vão se transformando a cada atividade. Como hoje também, você nem imagina que a pessoa que era a mais conservadora acabou provando as

cervejas na Feira de Ciência e Tecnologia, não no intuito de usar a cerveja, mas sim *dela* estar aproveitando, se descontraíndo dentro do grupo. (PA, Pesquisa de Campo)

A participação dos idosos, dentro do grupo deles, dos projetos que a gente desenvolve com eles, é muito interessante, a gente vê a desenvoltura que eles vão ganhando ao longo do tempo, que eles chegam muito inibidos e depois de um certo tempo eles já começam a participar, a intervir nas atividades, a dar opinião, a formar grupos paralelos de interação entre eles. É bem interessante como elas sabem exigir do restante da comunidade o que elas querem, o que elas precisam realmente, mas a partir também do que a gente vai informando pra eles, assim, muitos deles não sabiam de nenhum direito básico do idoso e aqui a gente foi informando e eles foram se empoderando dessas informações, e hoje em dia eles estão bem mais ativas do que quando entraram aqui, é interessante. (PB, Pesquisa de Campo)

Logo em seguida perguntou-se sobre como o trabalho do COSE pode contribuir com a comunidade:

Porque a gente trabalha muitos valores, a gente passa muitos valores e a participação como cidadão na comunidade. Então, uma boa postura, uma boa educação, a gente passa isso pra eles e acaba refletindo em toda comunidade. (PA, Pesquisa de Campo).

Ele contribui no momento em que você informa o cidadão dos seus direitos, você ensina as pessoas o que elas deveriam ter aprendido em casa, com a família e tudo mais, na questão de interação social, de respeito mútuo, de cuidado com o ambiente, de criação de novas ideias, objetos, situações; que às vezes pela questão financeira ou por outras questões de vulnerabilidade a pessoa não vai tendo acesso e ela vai se distanciando disso, aqui a gente vai resgatando e vai proporcionando essa melhora social, essa melhora de interação total. (PB, Pesquisa de Campo).

O questionamento seguinte tinha o objetivo de saber se os(as) educadores(as) acreditam que seu trabalho no COSE pode contribuir para a inclusão e o empoderamento dos idosos atendidos:

Eu acho que sim, justamente pelas atividades que a gente propõe, porque tem coisas voltadas pros idosos, eles aprendem novas coisas, eles sabem que têm alguns direitos e deveres, e eles começam a se sentirem mais úteis quando eles praticam esses direitos e deveres. (PA, Pesquisa de Campo).

Sim, bastante. Até por conta dessa questão, de *tá* informando eles, de *tá* colocando pra reagir de acordo com a informação, de tirar dúvida, de agir na comunidade, ir atrás dos seus direitos. Sim, eles se empoderaram bastante dos seus direitos para contribuir com a sociedade. (PB, Pesquisa de Campo).

Diante de todo o trabalho dos educadores sociais para promover a garantia de direitos humanos e o empoderamento, como foi possível observar nas explicações acima, o próximo questionamento foi sobre qual o maior desafio para eles continuarem construindo a Educação Social no COSE. Seguem os desafios:

Eu acho que o maior desafio é transmitir para a pessoa que aqui não é um local de doação e de ajuda material, e sim uma ajuda no campo mais psicológico, mas que dê independência *pro* usuário. Mas isso é muito complicado, porque a pessoa já vem achando que ela tem todo o direito dela e o certo é ela só receber, e não procurar criar uma independência, independente da idade. (PA, Pesquisa de Campo).

Eu diria que é a falta de estrutura física, a falta de pessoal. E o fluxo de informações novas que vêm sempre, as mudanças nas legislações e tudo mais, que chegam pra gente, chegam muito de repente, chegam às vezes sem a opinião de quem *tá* na ponta, sem a opinião de quem realmente está executando esse serviço, e às vezes atropela todo um projeto, toda uma situação de melhoramento que a gente *tá* criando, vindo com outras coisas que às vezes podem *tá* fugindo ou não do ideal que seria pro desenvolvimento do nosso trabalho. Já que em cada setor, em cada local, em cada unidade o serviço muda muito. Porque o público muda muito de acordo com a localidade. Aqui a gente tem mais a questão do isolamento, por exemplo, entre os idosos; já em outras localidades você tem mais a situação da pobreza mesmo, da falta financeira; e já em outros locais você vai ter o problema maior de violência. Então, não são respeitadas essas diferenças na hora de impor os projetos, na hora de impor as características do serviço, eles fazem uma coisa muito geral. (PB, Pesquisa de Campo).

Pensando no desafio destacado por PA, é possível relacioná-lo com a observação anterior de que os usuários muitas vezes confundem o papel da Assistência Social e o específico do COSE dentro dessa política. O serviço de convivência não é ofertado para prover meios físicos de sobrevivência ou quaisquer outras demandas relacionadas com falta de provimento ou incapacidade das outras políticas públicas de atenderem suas demandas. Mas entendendo que muitas vezes o serviço do COSE é o que os usuários têm mais próximo de um contato com o Estado, os educadores acolhem suas demandas e tentam uma articulação com outras políticas, para que os anseios dos educandos não sejam desconsiderados. Muitas vezes, por exemplo, há a condução de educandos até o CRAS para que sejam atendidos.

O comentário de PB, em que destaca a falta de estrutura física e de pessoal, está alinhado com a opinião de algumas educandas entrevistadas, como, por exemplo, a Sra. EI, que critica o lanche oferecido pela Secretaria, no sentido de pouco valor nutricional e variedade, além da observação de que a estrutura física é inadequada para a quantidade de idosas. Há também o comentário da Sra. EB, a qual observa que o terreno tem muito espaço excedente e pouco cuidado e que seria possível fazer uma horta comunitária, o que aproximaria mais a comunidade.

Outro ponto de bastante relevância é a particularidade de cada região e dos usuários que nelas são atendidos. Nenhuma unidade trabalha com as mesmas especificidades da outra, depende sempre de como a comunidade se porta, por isso, fazer uma leitura de cada região é muito importante para a boa execução do serviço.

Para finalizar a entrevista, os educadores foram desafiados a pensar se durante todos os seus anos de trabalho no Centro de Convivência do Riacho Fundo I conseguiram observar

alguma mudança significativa na vida de algum idoso atendido. Seguem suas valiosas observações:

Sim. Sim. Sim! Muitas mudanças, principalmente na autoestima, a pessoa que chegou meio cabisbaixa, que chegou com problemas, e ela vai vendo que outras pessoas têm problemas parecidos, menores ou maiores, mas aqui não é o local disso, aqui é o local de aproveitar a atividade, de viver a vida, de ter convivência com as outras pessoas, e através disso, ela vai melhorando muito sua autoestima, em relação a tudo, a maneira de pensar, a maneira de se vestir; sua alegria *tá* de volta e ela se sente mais importante. (PB, Pesquisa de Campo).

De vários. Vários! Por exemplo, várias pessoas que já chegaram aqui muito tímidas, já conseguiram interagir mais com a gente, e conseguiram fazer amizade com outras. Várias com depressão melhoraram, param de precisar dos remédios ou diminuíram bastante e você vê a melhora delas física, mental, ao longo do tempo, é bem grande, quem *tá* aqui no dia-a-dia com elas vê essa melhora; e elas criam uma certa dependência com o grupo, de *tá* sempre aqui, de *tá* sempre vindo, quando não vêm elas correm atrás, avisam, falam que não querem ficar sem, porque isso já virou uma parte da rotina delas, uma parte essencial, aquele convívio que ela não tem em casa ela tem aqui. (PB, Pesquisa de Campo).

Diante das diversas opiniões apresentadas, tanto dos educandos quanto dos educadores, foi possível perceber que existe uma singularidade no comentário dos diferentes atores. Ou seja, pode-se inferir que idosos e educadores acreditam no trabalho que é realizado no COSE e que este é capaz de produzir mudanças positivas na vida das pessoas que estão envolvidas.

Após a realização da entrevista, em uma roda de conversa, educadores e educandos expressaram suas opiniões a respeito das respostas aos questionários. De forma geral, observou-se que os educandos sentem satisfação em relação ao trabalho realizado pelos educadores. O reconhecimento gerou ânimo e elevação da autoestima dos servidores, que sentiram que seu trabalho têm surtido efeitos.

Além disso, a intervenção contribuiu com a reflexão, tanto por parte dos educadores quanto por parte dos educando, quanto à necessidade de que o COSE tenha um suporte adequado para a realização dos trabalhos. A maior parte dos educandos concordou que a responsabilidade pela melhora do ambiente do COSE deve ser compartilhada entre todos que participam do processo de educação, que o espaço deve ser construído coletivamente.

CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado trouxe à reflexão a Educação Social como um caminho de emancipação e empoderamento das classes excluídas e marginalizadas da sociedade. O objetivo do trabalho foi verificar se o COSE é capaz de contribuir para o empoderamento dos idosos atendidos.

Diante da análise da percepção dos atores envolvidos, pode-se concluir que o COSE contribui para o empoderamento, mas não é capaz de, sozinho, promovê-lo na sua totalidade. Entende-se o alcance dessa categoria como a construção da cidadania, do fortalecimento do indivíduo e de seu grupo, promovendo o esclarecimento da realidade social em que estão inseridos e, assim, dando-lhes poder.

O COSE tem caminhado na construção desse objetivo, contribuindo para que os idosos possam alcançá-lo. Porém, mesmo diante da noção de realidade social que alguns idosos estejam construindo, ainda é difícil romper com o *status quo*.

O alcance do poder, que traz emancipação, aparece em algumas situações, mas não é permanente, porque a abrangência do COSE não contempla todas as áreas de vulnerabilidade do idoso, apenas lhe dá ferramentas, dentro de um processo constante de construção. Por outro lado, o COSE contribui com a redução das fragilidades expostas e com o desenvolvimento de capacidades e potencialidades, o que se insere na definição de empoderamento.

Quando os educadores apontaram melhora na autoestima e na capacidade de relacionamento dos idosos, o que aconteceu foi um desenvolvimento dessas potencialidades. Por isso, a leitura da realidade e o conhecimento de quem são seus educandos, torna o trabalho do educador mais produtivo.

Nenhuma unidade governamental, entidade privada ou organização não governamental tem o poder de transformar a realidade social sozinha. Essa deve ser uma construção coletiva, apoiada por políticas públicas, mas que vá além. Tem de ser um desejo da sociedade, ou de parte dela. Mas essa parte necessita estar esclarecida e ser conhecedora da realidade que quer construir. A educação não formal por meio da Educação Social é capaz de produzir ferramentas para essa batalha.

De acordo com Graciani (2011, p. 199):

Muitas são as dimensões e vertentes do fazer educativo que atendem às necessidades básicas de aprendizagem; no entanto, as que privilegiam a vida, o ser humano como sujeito da sua própria história, a construção do conhecimento e da história social de sua comunidade e da

sociedade como totalidade são as que provavelmente contribuirão para uma prática educativa emancipadora e libertadora de nosso povo.

Com a pesquisa, foi possível inferir também que muitos idosos em situação de isolamento foram capazes de mudar esse sentimento quando aprenderam a conviver com a sociedade, formando amigos e criando redes de contatos, por meio da mediação do COSE. Mas o que não ficou claro é se, sem a mediação dessa unidade, ou seja, se não participarem mais das atividades do COSE, esses usuários permanecerão com a mesma postura de enfrentamento da realidade de maneira que continuem fortalecendo seus vínculos com a sociedade e, claro, com a família.

Observou-se que o COSE muitas vezes preenche uma lacuna que a família deixou, por isso, os idosos chegam em situação de isolamento e vão melhorando aos poucos, mas isto pode não ser suficiente. O abandono ao idoso também pode acontecer enquanto a família está perto fisicamente, mas não está disposta a acolhê-lo emocionalmente. Por isso, o trabalho do Centro de Convivência deve ensinar o idoso a criar vínculos e a fortalecê-los, criando uma rede de apoio que conte com familiares (quando for possível) e amigos. Assim, se, por ventura, ele deixasse de participar do COSE, então ele não regrediria à situação inicial. Isso também é empoderar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Departamento de Proteção Social Básica. _ Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Brasília: MDS, 2013.

_____. Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais – Resolução CNAS n 109 de 11/11/2009. Brasília: CNAS/MDS, 2009.

_____. Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – 1. Ed. – Brasília: MDS, 2009.

_____. Cartilha BPC – Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social. Brasília: MDS, 2012.

_____. Orientações Técnicas sobre o PAIF – Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família, PAIF – Volume 2 – 1. Ed. – Brasília: MDS, 2012.

CARO, Sueli M. P. Educação Social: uma questão de relações. In: SILVA, Roberto da; NETO, Joao Clemente de S.; MOURA, Rogerio Adolfo de (org.). Pedagogia Social. São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 1. 2 edição, 2011. P. 132 – 139.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. _ Coleção questões da nossa época, v. 1. São Paulo, Cortez, 2010.

GRACIANI, Maria Stela S. Pedagogia Social no Trabalho com Crianças e Adolescentes em Situação de Rua. In: SILVA, Roberto da; NETO, Joao Clemente de S.; MOURA, Rogerio Adolfo de (org.). Pedagogia Social. São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 1. 2 edição, 2011. P. 184 – 201.

MARQUES, Cássio Donizete; EVANGELISTA, Francisco. Pedagogia Social: fundamentos filosóficos, pedagógicos e políticos para a prática do educador social libertador. In: GARRIDO, Nôemia de Carvalho. et al. (org.). Desafios e Perspectivas da Educação Social: um mosaico em construção. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010. P. 73 - 90.

RIBEIRO, Marlene. Exclusão e Educação Social: conceitos em superfície e fundos. In: SILVA, Roberto da; NETO, Joao Clemente de S.; MOURA, Rogerio Adolfo de (org.). Pedagogia Social. São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 1. 2 edição, 2011. P. 140 – 158.

TELLES, Vera. Direitos Sociais: afinal do que se trata? IN CENPEC: Muitos lugares para aprender. São Paulo: CENPEC/Fundação Itau Social/UNICEF. 2003.

APÊNDICE
ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Ator: Educador Social do COSE do Riacho Fundo 1

- 1) Idade?
- 2) Sexo?
- 3) Há quanto tempo você trabalha nesta Unidade?
- 4) Qual é a sua área de atuação no COSE?
- 5) Qual a sua área de formação acadêmica (graduação)?
- 6) Você tem alguma Pós-Graduação?
 () Não.
 () Sim. Em qual área?
- 7) Você se sente capacitado para trabalhar com Educação Social?
- 8) O que você mais gosta no trabalho que desenvolve no COSE?
- 9) Como você definiria o público alvo atendido pelo COSE?
- 10) Como você definiria a participação dos idosos nas atividades promovidas pelo COSE?
- 11) Como o trabalho do COSE contribui para o desenvolvimento da comunidade?
- 12) Você acredita que o COSE contribui para a inclusão e o empoderamento dos idosos?
- 13) Na sua opinião, qual é o maior desafio para se construir a Educação Social no COSE?
- 14) Você já conseguiu observar alguma mudança significativa na vida dos idosos atendidos pelo COSE?

Ator: Idosos atendidos pelo COSE

- 1) Idade?
- 2) Sexo?
- 3) Com quem você mora?
- 4) Qual a sua renda?
- 5) Qual a sua escolaridade?
- 6) Há quanto você participa das atividades do COSE?
- 7) Porque você procurou o COSE?
- 8) Quantas vezes você vai para o COSE por semana?
- 9) De quais atividades você participa?
- 10) Você gosta do método de trabalho do COSE? Porque?
- 11) O que você acha do trabalho dos educadores?
- 12) Você sente que o trabalho do COSE te ajuda de alguma forma?
() Sim. Como?
() Não. Porque?
- 13) O que é o COSE para você?
- 14) O que você acha que poderia melhorar no COSE?

ANEXO

PLANO DE ATIVIDADES – COSE 2015

2015: O FUTURO É AGORA!
(IDOSOS) Janeiro

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	ESTABELECECER METAS	9		
		9	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “O Futuro é Agora!”
2ª SEMANA	INVESTIR NA FAMÍLIA	12/14/16		
		12	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: Parque Olhos D’ Água
		14	QUARTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Na Vida, Você Decide o Final” (Família)
		16	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Parque Ecológico Saburo Onoyama
3ª SEMANA	MELHORAR A SAÚDE	19/21/23		
		19	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Medida Saudável” (Saúde)
		21	QUARTA	Atividade Externa de Convivência: Clube dos Bombeiros
		23	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Torre de TV (Feira / Fonte / I Love)
4ª SEMANA	APRIMORAR A COVIVÊNCIA	26/28/30		
		26	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Vivendo a Convivência” (Convivência)
		28	QUARTA	Atividade Externa de Convivência: Zoológico de Brasília
		30	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Instituto de Saúde Mental

BEM ESTAR (SAÚDE)
(IDOSOS) Fevereiro

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	AVALIANDO AS METAS	6		
		6	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “O Futuro é Agora!”
2ª SEMANA	CUIDANDO DA MENTE	9 e 13		
		9	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: CCBB: “Ciclo - Criar com o que Temos”
		13	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: “Exercitando a Mente”
3ª SEMANA	CUIDANDO DO CORPO	16 e 20		
		16	SEGUNDA	Ponto Facultativo
		20	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Minha Casa, Minha Academia” Parque da Cidade
4ª SEMANA	CUIDANDO DA ALIMENTAÇÃO	23 e 27		
		23	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Gincana da Alimentação”
		27	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: “Piquenique da Saúde” – JBB

PROTAGONISMO
(IDOSOS) Março

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento	
1ª SEMANA	MULHER	6			
		6	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Troca de Família” (Teatro)	
2ª SEMANA		7 e 13			
		7	SÁBADO	Atividade Externa de Convivência: Dia Internacional da Mulher (ADM.)	
		13	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: “Afrolatinas” (Museu Nacional)	
3ª SEMANA		SOCIEDADE	16 e 20		
	16		SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “O Riacho Ideal”	
	20		SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Botando a Boca no Trombone” (Diálogo com o Administrador)	
4ª SEMANA	CONSUMO CONSCIENTE		23 e 27		
			23	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Luz, Câmera, Sensibilização”
			27	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Conhecendo meus Direitos (Consumidor Consciente - PROCON)

PERTENCIMENTO (IDOSOS) Abril

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	“DF – UNIÃO DOS POVOS: TERRITÓRIO, CULTURA, ETNIA E HISTÓRIA”	30 e 3		
		30	SEGUNDA	COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
		3	SEXTA	FERIADO
2ª SEMANA		6 e 10		
		6	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: Memorial dos Povos Indígenas
		10	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Parque Nacional de Brasília
3ª SEMANA		13 e 17		
		13	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: Catetinho
		17	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Jogo da Vida: Pertencimento”
4ª SEMANA		20 e 24		
		20	SEGUNDA	PONTO FACULTATIVO
		24	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Museu da Memória Candanga
5ª SEMANA		27 e 1		
		27	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Pertença, logo Existo!”
		1	SEXTA	FERIADO

FAMÍLIA (IDOSOS) Maio

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	FIGURA MATERNA	8		
		8	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Mural da Família” (Depoimentos)
2ª SEMANA	COMBATE AO ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES	11 e 15		
		11	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Combate ao abuso e exploração sexual de crianças

				e adolescentes”
		15	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Pic-nic Caminhos de Família no Parque da Cidade
3ª SEMANA	ORÇAMENTO FAMILIAR	18 e 22		
		18	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Administração Financeira Familiar”
		22	QUINTA	Atividade Externa de Convivência: Museu de Valores
4ª SEMANA	COMPOSIÇÃO FAMILIAR	25 e 29		
		25	SEGUNDA TARDE	Atividade Externa de Convivência: Lar dos Velhinhos - Associação São Vicente de Paulo
		29	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: Palestra: Composições Familiares Carolina NUDIN

AMIZADE (IDOSOS) Junho

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	AMIZADE (DATAS NORTEADORAS): 04 – DIA INTERNACIONAL DAS CRIANÇAS VÍTIMAS DE AGRESSÃO; 12 – DIA MUNDIAL CONTRA O TRABALHO INFANTIL; 20 – DIA INTERNACIONAL DA AMIZADE; 26 – DIA INTERNACIONAL DAS DROGAS.	5		
		5	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: Finalização Obra (Mostra de Artes)
09 e 12				
2ª SEMANA		09	TERÇA	Atividade Externa de Convivência: Visitação Mostra de Artes (TST)
		12	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Exercitando a Amizade”
3ª SEMANA		15, 17 e 20		
		15	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: Preparativos “Arraiá da Amizade”
		17	QUARTA	Atividade Coletiva de Convivência: ADASA no COSE - 9:30 h
		20	SÁBADO	Atividade Coletiva de Convivência: “Arraiá da Amizade”
4ª SEMANA		26 e 30		
	26	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Investindo na Amizade”	
	30	TERÇA	Atividade Externa de Convivência: SCFV - 15 a 17 anos / Idosos	

COOPERAÇÃO (IDOSOS) Julho

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	ALEGRIA (JOGOS COOPERATIVOS)	30 e 03		
		30	TERÇA	Atividade Externa de Convivência: “CINE SESC”: “Minha Mãe é Uma Peça”
		03	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Jogo Cooperativo” (ALEGRIA)
2ª SEMANA	“CARIDADE”	06 e 10		
		06	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: “EXPOCHÊ”
		10	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Esquete Interativa” (Caridade)
3ª SEMANA	LIBERDADE DE PENSAMENTO	13 e 17		
		13	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: “Roda Viva” (Caridade)
		17	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: “Dinâmica da Liberdade de Pensamento”
4ª SEMANA	COOPERAÇÃO	21		
		21	TERÇA	Atividade Externa de Convivência: Caixa Cultural: “Magia de Miró”
		27 e 29		

5ª SEMANA		27	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: Visita a Cooperativa
		29	QUARTA*	Atividade Externa de Convivência: Caixa Cultural: "Brinquedos a Mão"

DIVERSIDADE (IDOSOS) Agosto

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA	"NÃO SOMOS IGUAIS, SOMOS LEGAIS!"	04 e 07		
		04	TERÇA*	Atividade Externa de Convivência: Exposição Interativa: Brinquedos a Mão (CAIXA CULTURAL)
		07	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: "Não Somos Iguais, Somos Legais!"
2ª SEMANA	DIVERSIDADE CULTURAL E REGIONAL	10 e 14		
		10	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: "Convivência de Cordel" (Confecção)
		14	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: "Convivência de Cordel" (Apresentação)
18 e 21				
3ª SEMANA		18	TERÇA*	Atividade Externa de Convivência: Casa do Cantador
		21	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: "Piquenique: Celebrando a Diversidade" (ISM)
4ª SEMANA	DIVERSIDADE DE GÊNERO	24 e 28		
		24	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: "Cine SESC" - "Gaiola das Loucas"
		25	TERÇA*	Atividade Externa de Convivência: "Um dia de Rainha" Equipe Renata Lira

CIDADANIA (IDOSOS) Setembro

	SUBTEMAS	DIAS		Detalhamento
1ª SEMANA		04		
		04	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: "Mini Conferência da Assistência Social"
07 e 11				
2ª SEMANA		07	SEGUNDA	Feriado: Independência do Brasil
		11	SEXTA	Atividade Externa de Convivência: Conferência Regional de Assistência Social
3ª SEMANA		14 e 18		
		14	SEGUNDA	Atividade Coletiva de Convivência: "Conhecendo Meus Direitos e Deveres" Estatuto do Idoso
		18	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: Roda Viva (Direitos e Deveres) Discussão Coletiva - Secretaria do Idoso
4ª SEMANA		21 e 25		
		21	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: CCBB "CRU - Comida, Transformação e Arte" (9:00 h)
	25	SEXTA	Atividade Coletiva de Convivência: Café da Manhã / Show de Talentos (Dia do Idoso)	
5ª SEMANA	28			
	28	SEGUNDA	Atividade Externa de Convivência: Câmara Legislativa	